



12º Simpósio de Ensino de Graduação

11 DE SETEMBRO - RETOMADA DO REALISMO NA POLÍTICA EXTERNA AMERICANA

Autor(es)

NATÁLIA HIGA CIARRETA
KELLY DA ROCHA GOMES
PEDRO CHINAGLIA

Orientador(es)

KELLY DA ROCHA GOMES

Resumo Simplificado

Segundo Joseph Nye, os Estados Unidos são o "País mais poderoso desde Roma", afirmação que torna o país, na visão dele, a superpotência da atual ordem internacional, e como tal condição as percepções de agente ameaçador a outros Estados se evidência. No entanto tal compreensão se constrói, na conjuntura da eclosão da Primeira Guerra Mundial, e posteriormente da Segunda Guerra, no qual o Sistema Internacional sofre significativas transformações, sendo os EUA o país maior beneficiário, uma vez que conseguiu dobrar seu parque industrial, e devido à influência do mesmo sobre a parcela ocidental da Europa, a região foi dominada por diversos governos democrático-liberais, com exceção de Portugal e Espanha. Desse modo, as Relações Internacionais ganham espaço preciso, ao assimilar o atual cenário político internacional -a partir dos vários estudos e publicações acadêmicas- elucidando as diversas variáveis que compunham as ações e decisões dos atores na política internacional. Foi nesse cenário que o Realismo, corrente teórica sustentada por diversos autores, entre eles, Hans Morgenthau com a obra Política entre as Nações de 1948 surge como material teórico para deslindar a política internacional e passou a ocupar posição de destaque na política externa norte-americana. A teoria Neo-Realista, surge um pouco depois, na década de 1970, com a publicação da obra Teoria de Relações Internacionais de Kenneth Waltz em 1979, reestruturando a tradição dos aspectos teóricos da teoria realista e buscando explicar as adequações dos atores nas relações políticas entre os Estados no século XX. Mesmo diante de tais reformulações que o paradigma realista sofre dentro das relações internacionais, somado a outros, decorrente do leque teórico que a disciplina apresenta, é possível observar um adensamento deste paradigma na atual política externa dos EUA, principalmente no que tange questões de cunho estratégico e relações de poder. Os ataques terroristas de 11 de setembro, ao atingirem símbolos do poder americano: World Trade Center (símbolo econômico), o Pentágono (símbolo estratégico e militar), e a tentativa de atingir a Casa Branca (símbolo político), é um claro exemplo disto; dado que, foi interpretado pela nação como uma prova à sua condição de país hegemônico. Sendo assim, os EUA visualizaram que a garantia da sobrevivência do país estava em risco, um claro pensamento realista, e que exigia do Estado uma reação rápida e equivalente à sofrida. Tal efeito levou os Estados Unidos a criarem uma iniciativa militar e estratégica de luta contra o Terrorismo, que ganhou desdobramentos em escala global; pois na visão realista da política externa estadunidense, o terror seria o principal inimigo das democracias. Tem-se, portanto, a partir deste acontecimento, avivado o comportamento político racional sustentado pela manutenção e angariação de poder frente a todos os tipos de ameaça internacional. Logo, tem-se explicitado, a Teoria Realista, mais uma vez, como a mentora da doutrina política do país. Posto isto, o presente estudo tem como objetivo mostrar a essência da Teoria Realista na política externa norte-americana, sobretudo após os ataques do 11 de setembro e sua Guerra contra o Terrorismo de modo a assegurar sua posição de superpotência na atual ordem global.